

Entrevista



Alguns dados:

Membro da APDIS desde:

Sou membro da Apdis desde 1991 (associada nº 65).

1ª Posição Profissional:

Enquanto estudante universitária (1980-1983) trabalhei na Biblioteca Nacional, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Biblioteca da Ajuda, ligada a um projecto de microfilmagem de manuscritos medievais, levado a cabo pela Hill Monastic Manuscript Library, St. John's University, Collegeville, Minnesota (<http://www.hmml.org/collections10/collections10.htm>).

Quando acabei a minha licenciatura fui professora de Inglês do Ensino Secundário durante 4 anos.

Após a Especialização em Ciências Documentais assumi as funções de Coordenadora do Centro de Documentação e Informação da Escola Nacional de Saúde Pública e é essa que

considero ser, de facto, a minha primeira posição profissional.

Formação Académica:

Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Variantes Estudos Ingleses e Alemães pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1979-1983); Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1988-1989); Master of Science in Information Management pela Universidade de Sheffield no Reino Unido (1992-1994).

Website favorito:

Fazer uma escolha é impossível mas, porque tenho que indicar algum, escolho três metafontes de informação essencial na minha área específica: o da World Health Organization (<http://www.who.int/en/>), o da National Library of Medicine (<http://www.nlm.nih.gov/>), e o da United Nations (<http://www.un.org/en/>).

PERGUNTAS:

1. Qual é a sua posição actual?

Sou Chefe de Divisão do Centro de Documentação e Informação da Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa desde Março de 2002.

2. O que é que acha mais interessante no seu trabalho?

A minha formação de base são línguas e literaturas modernas. E, como idealmente deverá acontecer quando acabamos a nossa formação académica, inicialmente escolhi a profissão que adorava exercer: ser professora. Por várias circunstâncias pessoais, vi-me obrigada a abandonar essa "paixão" e a repensar a minha vida em termos profissionais, optando pela área da biblioteconomia onde, pensava eu, a literatura seria presença obrigatória...

Tal não aconteceu... Fui trabalhar, de facto, para uma biblioteca de ensino superior mas na área da saúde pública.

E descobri uma nova paixão...

Descobri que era possível ser documentalista e exercer as minhas funções como profissional de informação numa faculdade, não apenas dirigindo a minha acção a um utilizador que estava à minha frente, que me procurava porque tinha uma necessidade de informação específica para elaborar um trabalho de investigação, efectuar uma pesquisa numa determinada base de dados, referenciar correctamente uma fonte consultada, etc.

Descobri que, para além de todas as competências, como "*conjunto das capacidades necessárias*" que fui adquirindo: conhecimento integral nas fontes e serviços na área das Ciências da Saúde e disciplinas afins; capacidade para criar instrumentos que enriqueciam o acesso e recuperação de informação (com ideias inovadoras tanto nas estratégias como nos conteúdos) e visão interdisciplinar e institucional, o mais importante era possuir aptidões – que são as tais "*disposições, naturais ou adquiridas que levam a comportamentos*" que contribuíssem para o enriquecimento da equipa onde estava inserida e para a melhoria da qualidade do serviço que prestava.

Descobri que tinha o privilégio de trabalhar numa área em que podia ser mais um elemento de uma "cadeia multidisciplinar de intervenção". E como é que eu podia *intervir*? Fazendo, indirectamente, parte da equipa que promove a saúde das populações, que tenta criar condições para que as pessoas protejam a sua própria saúde, que apoia o *empowerment* dos cidadãos já que estes têm um poder extraordinário sobre a sua saúde, a das suas famílias e a da comunidade em geral.

Porque a investigação antecipa e acompanha sempre a acção, o papel que a Universidade e a Escola Nacional de Saúde Pública desempenham, prende-se directamente com tudo isto.

E para mim isto é que é interessante e a paixão vem daí: sentir que faço parte de uma equipa de saúde que trabalha *antes da doença*... e saber que o meu contributo como profissional de informação de saúde é relevante para esse processo de prevenção.

3. Qual foi o seu maior desafio profissional?

Ser Presidente da APDIS. Foi uma experiência gratificante mas também de grande responsabilidade embora desenvolvida colegialmente por uma equipa coesa e empenhada. Saber que se deu o nosso modesto contributo para o desenvolvimento da documentação e informação de saúde no nosso país, dando apoio à investigação, à formação e ao desenvolvimento dos cuidados de saúde em Portugal, hoje, visto à distância, parece menos assustador mas na altura constituiu um grande desafio e uma enorme responsabilidade.

Já agora gostaria de lembrar que a anterior Presidente tinha sido a nossa querida Lucília Paiva e que a sua sábia orientação se revelou imprescindível em muitas situações...

4. Como é que se tornou interessada na área da biblioteconomia de saúde?

Realmente posso dizer que a área da saúde é que se interessou por mim... Quando cheguei à ENSP esta área era para mim totalmente desconhecida. Com o tempo e com os ensinamentos que fui recebendo de professores, colegas e alunos, fui aprendendo que a Saúde Pública era diferente das outras áreas da saúde e que, na sua concepção mais tradicional, era a aplicação de conhecimentos (médicos ou não) com o objectivo de organizar sistemas e serviços de saúde, actuar em factores condicionantes e determinantes do processo saúde-doença, controlando a incidência de doenças nas populações através de acções de vigilância e intervenções de iniciativa governamental.

Como costumo dizer, fui-me familiarizando com fontes de informação de "saúde" e não de "doença" e, neste momento, posso afirmar que acho esta sub-área extremamente aliciante.

5. Foi bibliotecária noutra área, antes de ser da saúde?

Não. A área da saúde foi o meu baptismo já que as funções que desempenhei na Biblioteca Nacional, enquanto estudante, eram apenas de secretariado e de classificação de documentos.

6. O que é que gostaria de ser, se não fosse uma bibliotecária?

Tal como já disse gostaria de ter sido professora. E a verdade é que tenho conseguido associar esse meu desejo às minhas principais funções enquanto profissional de informação: para além de estar envolvida na habitual formação inicial dos utilizadores em cada ano lectivo, ao longo dos diferentes anos lectivos, colaboro nos módulos de "Metodologias de

Investigação" dos diversos cursos de especialização, mestrado e doutoramento da ENSP, com sessões sobre Estratégias de Pesquisa, Referenciação, Citação, Comunicação Científica e Bibliometria.

Como verdadeiro complemento desta minha outra "vocação", sou assistente convidada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciono, no Curso de Mestrado em Ciências da Informação e Documentação, as disciplinas de "Tipologias de Bibliotecas" e de "Descrição e Comunicação Biblioteconómica II".

7. O que é que considera ser o maior desafio na biblioteconomia contemporânea?

Considero que a biblioteconomia tem pela sua frente vários desafios.

Um desafio prende-se com a questão dos dilemas éticos enfrentados pelos profissionais de informação e que têm aumentado devido aos avanços das tecnologias de informação. As questões centrais da ética da informação compreendem a liberdade intelectual, o acesso equitativo à informação, a privacidade e a propriedade intelectual e é impossível ignorar os estes pressupostos e as suas implicações éticas quando examinamos as decisões que os profissionais de informação têm que tomar no seu dia a dia. Estar preocupado com as condições de acesso, distribuição e uso da informação sabendo lidar com termos e condições ou obrigações contratuais, cláusulas de renúncia e de exclusão relativas ao modo como o *software* e o *hardware* é comprado e utilizado, protegido e justificado, constitui mais um requisito ao nível das competências a adquirir pelo profissional de informação de saúde.

Outro desafio prende-se com os modelos formativos: os novos contextos de produção, uso e preservação da informação que a Web 2.0 potencia, exigem abordagens inovadoras da nossa parte que podem passar pela exploração de novos modelos formativos com base na interacção (learning-by-interacting), quer dos profissionais de informação, quer dos utilizadores dos serviços de informação, tudo isto requerendo que os profissionais de informação adquiram novas competências para serem capazes de lidar com estas ferramentas e interagir com uma nova geração de utilizadores.

Outro desafio ainda é a emergência do movimento "Evidence-based librarianship" (EBL) que veio chamar a atenção para o valor da investigação (através de estudos de avaliação quantitativa, qualitativa e de investigação-acção) sobre as práticas profissionais e sobre o importante papel que esta investigação baseada na evidência pode assumir na divulgação da nossa profissão.

8. Está envolvida noutras organizações?

Não me vejo a exercer esta profissão sem estar ligada, de algum modo, às associações da nossa área, sobretudo à APDIS. Por razões que se prenderam com as actividades envolvidas na altura, as outras duas com que tenho estado mais envolvida têm sido a BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas e a EAHIL - European Association for Health Information and Libraries, embora também já tenha colaborado também pontualmente com a INCITE.

Fui Vogal Editorial da BAD tendo sido responsável (juntamente com os restantes membros da Comissão Editorial) pela edição de vários números dos Cadernos BAD: Informação, Acesso livre, Conhecimento, Políticas de Salvaguarda do Património e

Memória Digital; O Ensino Superior em Informação e Documentação e o Processo de Bolonha; Arquivos da Administração Pública: Estratégias, Políticas e Desafios; Novos Espaços na Web: Os *Blogs* na Área da Documentação e Informação.

Ainda enquanto membro da Direcção da BAD fui *General Coordinator* da 35ª Conferência da IASL - International Association of School Librarianship - As Múltiplas Faces da Literacia, organizada pelo Ministério da Educação, através da RBE - Rede de Bibliotecas Escolares, com o apoio da BAD e que decorreu em espaços da Fundação Calouste Gulbenkian e da Universidade Nova de Lisboa em Julho de 2006.

Em Junho de 2010 fui *Chair* do International Programme Committee da 12ª Conferência da EAHIL - DISCOVERING NEW SEAS OF KNOWLEDGE : Technologies, environments and users in the future of health libraries, organizada pela APDIS.

Presentemente, como associada da EAHIL, sou membro do Public Health Information Group (PHIG), sub-grupo da EAHIL para os profissionais da área da saúde pública.

E, claro, como Presidente da Mesa da Assembleia Geral, a minha ligação com a APDIS continua a "obrigar-me" a estar a par de situações excepcionais da vida da Associação, a "partilhar" da sua visibilidade, sustentada pela isenção e independência que a caracterizam e a colaborar, sempre que posso, com uma equipa empenhada e entusiasta.

9. Que conselhos daria a alguém que fosse começar uma carreira como bibliotecária da saúde?

Dir-lhe-ia que um profissional de informação que queira desenvolver a sua actividade na área da saúde pode sempre aprender "in loco" e ir dando resposta aos desafios que se vão colocando. Mas que o ideal é que que conheça, desde logo, as diversas

terminologias e padrões aplicáveis à informação clínica e/ou de saúde, adquirindo conhecimentos específicos da área da saúde. Dito de outro modo, ser um profissional da informação preparado para lidar com a cultura e comportamentos informacionais dos profissionais da saúde, compreendendo a sua linguagem e terminologia e sendo capaz de viabilizar não apenas o acesso físico à informação, mas, sobretudo, o acesso cognitivo, tal como preconizam organizações como a National Library of Medicine - NLM e a Medical Library Association - MLA.

Por outro lado, lembrar-lhe-ia que o “Nenhum homem é uma ilha...” e que numa profissão como a nossa é essencial unir esforços e sinergias, colaborar e estabelecer parcerias, saber o que se passa “lá fora” e fazer parte das associações da sua área, i.e. da APDIS, da EAHIL, etc.

Porque só através desta interacção é possível encorajar, **patrocinar e promover a COOPERAÇÃO nacional e internacional, o DEBATE e a INVESTIGAÇÃO em todos os campos da nossa actividade e partilhar as nossas conquistas profissionais com a comunidade como um todo.**

10. Quais são os seus planos para o futuro?

Em termos profissionais penso concluir projectos que já vêm do ano passado e iniciar novas etapas:

1) Continuar empenhada no projecto *Information Literacy Strategic Project at NOVA* em que iremos levar a cabo várias iniciativas: Workshops sobre Literacia Informacional nas várias Unidades Académicas da NOVA; *roadshows* com o objectivo de sensibilizar, alertar e consciencializar a comunidade académica no seu todo sobre a importância da literacia informacional na sociedade de hoje e desenvolvimento de sinergias com a Universidade de Sheffield através da Prof^a Sheila Corral, nossa consultora para este Projecto;

2) Continuar a colaboração da ENSP no RUN - Repositório da Universidade Nova de Lisboa que, a exemplo dos outros a nível nacional e internacional, pretende recolher, armazenar, gerir, preservar a memória e permitir o acesso à produção científica e técnica da UNL, contribuindo para dar maior visibilidade e aumentar o impacto da investigação aqui desenvolvida, participando activamente, enquanto parceira, no esforço conjunto da comunidade científica nacional e internacional no domínio do acesso livre;

3) Iniciar a minha eventual colaboração enquanto Vogal da Formação na BAD – pelo triénio 2011-2013;

4) E, acima de tudo, garantir que mantenho o meu espaço profissional na área da saúde e que continuo a fazê-lo com gosto, encontrando a combinação ideal entre o prazer de trabalhar, o tempo para continuar a estudar e a aprender “sempre” e o tempo para o meu espaço individual e familiar.